



www.observatoriodacritica.com.br

Post de Reinaldo Azevedo no blog de Veja.com em 30 de novembro de 2010, com pequena análise crítica da obra de Chico Buarque

Disponível em:

<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/tag/premiojabuti/>

Acesso em 30 nov. 2010

30/11/2010

às 7:11

O camareiro filipino que falava malaio

Se lhes pedirem para definir em quatro vocábulos o que é literatura, respondam: “Literatura é escolher palavras”. Já disse isso hoje? Acho que sim. Leiam mais um trecho de *Budapeste*, de Chico Buarque, que levou o Jabuti de “Livro de Ficção do Ano” em 2004, embora tenha ficado em terceiro na categoria “Romance”. Caetano Veloso e Luiz Schwarcz têm razão: a patuscada de 2010 não foi a primeira. Ela já beneficiou o mesmo sambista antes. Ao texto. Destaco algumas palavras em negrito.

Meu quarto **era** abafado, a janela **era** um vidro fixo, a paisagem **eram** duas fileiras de postes de luz numa avenida reta e sem fim. Senti vontade de ligar para alguém no Brasil, mas o telefone estava bloqueado. Passei a noite olhando para o teto, e quando bateram à porta com o café-da-manhã, senti imensa gratidão, fiz questão de que o camareiro se sentasse comigo; **era** filipino, mal falava inglês, me ensinou umas palavras de **malaio** e tinha mãos muito pequenas, que enchi de moedas. Eu estava emotivo, desci à sala ansioso para rever os colegas, e a partir daquela manhã as reuniões decorriam quase em silêncio, as pessoas prostradas nos assentos. Os poucos que se dispunham a tomar a palavra falavam baixo, longe do microfone, lembrando as agruras de um ofício de que tantos desertam, em busca de fortuna e popularidade.

Comento

Qualquer um, Chico ou não, que empregue aquela seqüência de “eras” é um analfabeto em prosa. Literatura é como pintura: as pinceladas têm de ter um propósito. Existe composição. É como

música: as palavras são notas. É como escultura: as palavras são volumes e brincam com o equilíbrio. Numa seqüência que se pretende paralelística, se o “quarto” (substantivo) era “abafado” (adjetivo), a janela (substantivo) jamais poderia ser “um vidro” (outro substantivo). Muito bem! Ainda que ignorasse o rigor necessário do paralelismo, cumpriria ao menos recorrer à elipse: “Pra que tanto ‘era’?”, pergunta o meu coração.

Mas o divertido mesmo foi apontado pelo leitor Luiz Goulart. Antes, uma historinha. Aos 49 anos, há duas coisas em mim que seguem tão pujantes como quando tinha 18: uma delas é a memória. Vi uma entrevista de Chico, há muitos anos, em que a repórter – embevecida, claro! – lhe perguntava como compôs a música *Passaredo*. É uma em que ele vai citando um monte de passarinhos. Feito Machado de Assis explicando a psicologia da composição no conto “O Cônego ou Metafísica do Estilo”, o sambista explicou: Francis Hime havia lhe passado a melodia, e ele pegou um dicionário e foi caçando nomes de passarinho e rimando e ritmando... A moça fez um ar meio decepcionado.

Voltemos. Chico precisava de um ser meio exótico na sua cena. Deve ser pensado: “Por que não um camareiro filipino de mãos pequenas?”, que o narrador, de modo muito verossímil, convida para bater papo. Certo. Exotismo e verossimilhança podem ser tudo em literatura, não é mesmo? O curioso é que o rapaz não falava nem inglês, uma das línguas oficiais das Filipinas, nem filipino (tagalo), que é a outra. Falava malaio, língua muito falada na... Malásia. Pertencem ao mesmo grupo lingüístico, mas são coisas distintas. Por que malaio? O livro não explica. Deve ter sido o método de composição de *Passaredo*, só que com pesquisa errada.

Vai um Jabuti ou não vai?

Por Reynaldo Azevedo